

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Delbo de Eade Class.: \_\_\_\_\_

Data: 30/04/82 Pg.: \_\_\_\_\_

### CONVERSA

Domingos De Lucca Junior

190

### Juruna deputado

Seria muito engraçado se o cacique Mário Juruna, se eleito deputado federal pelo PDT, fizesse, realmente, seus discursos em xavante. Engraçado porque falaria para ele mesmo e por um único motivo: temer não ser entendido ou ser mal-interpretado se discursasse em português, língua que diz não dominar lá muito bem.

O mais engraçado, porém, é que conquanto as eleições ainda estejam longe, Juruna não haver sido eleito, ocorreu uma grande correria na Câmara Federal, para se saber o que fazer numa emergência dessas.

Acontece que não há nenhuma determinação expressa, nesse sentido, no Regimento Interno da Câmara. No entanto, os funcionários mais antigos garantem que o embaraçoso cacique terá de falar em português, quando discursar nos plenários da Câmara ou do Congresso, pois essa exigência seria tão lógica que não se precisaria apelar para o Regimento.

O outro aspecto da questão é que, se ele decidir discursar em xavante, não há lei, regulamento ou regimento que o impeça de fazê-lo. Porém, seu discurso não será traduzido e, por isso mesmo, deixará de ser publicado no "Diário do Congresso". O que eu, particularmente, acho uma grande injustiça, pois este País, antes de nós, era dos índios e eles merecem um pouco mais de respeito do que estão recebendo dos brancos até agora.

Sinceramente, eu gostaria de ver Juruna eleito, caminhando com seu inseparável gravador, pelos corredores da nossa augusta Câmara dos Deputados, captando uma conversa aqui, outra ali, para depois fazer tudo desembocar no trombone que ele tão bem sabe usar.

Pelo menos uma coisa seria certa: a comunidade indígena brasileira — se assim se pode chamá-la — teria uma voz para defendê-la dos constantes e conhecidos esbulhos de que

vem sendo vítima por parte dos homens brancos.

O problema de poder ou não falar em xavante parece que não está preocupando muito o cacique. Para ele, no momento, o mais importante é ir cevando seu eleitorado. Só que, para isso, terá de contar — mais uma vez — com a vontade dos brancos, negros e mestiços que formam esta Nação e não parecem — pelo menos até hoje — muito sensibilizados com os problemas de seus irmãos índios.

E lá vai ele, gravador em punho, catando votos de possíveis eleitores fluminenses, que serão sua total esperança para caminhar para o Planalto e lá fazer, na Câmara Federal, o que não pode fazer como, digamos, um simples cacique.

Sua gente, certamente, está espreitando e aguardando com ansiedade as eleições de novembro, que poderão abrir uma nova frente na defesa dos direitos do índio brasileiro.